

economia

‘Biocombustíveis são oportunidade para o RS’

As empresas Argenta têm crescido dois dígitos a cada ano. Sempre atento a novas oportunidades de negócios, o empresário Neco Argenta avalia possibilidades que podem alavancar a economia gaúcha. Na Serra, o empresário vê a expansão do enoturismo, com atração de visitantes estrangeiros, como uma boa chance de alavancar a economia da região. No seu setor, Argenta aponta a produção de biocombustíveis com o beneficiamento de grãos produzidos no Estado como uma forma inteligente de o RS avançar. Defende investimentos em irrigação, para dar estabilidade à produção gaúcha, e fala de carros elétricos.



Neco Argenta foi entrevistado no programa de abertura da 2ª temporada do podcast Mapa Econômico do RS

JC - Quantas empresas hoje?

Argenta - Temos 14 empresas. A Argenta Participações é a holding. Somos eu e meu irmão os sócios. É um negócio familiar. Temos uma JV (joint venture) com um negócio pequeno que é uma fábrica de Arla (agente redutor de líquido automotivo). Nessas 14 empresas, nove atuam no setor de combustíveis. SIM Distribuidora, Charrua, Nexta - que é o projeto da Petronas -, SIM Rede Postos, que talvez seja a marca mais famosa. Temos a Aiva, produtos lubrificantes. A Arlazul, a Querdiesel, que adquirimos em 2022... A Charrua foi uma oportunidade que casou com o nosso desejo, assim como a Querdiesel. Temos a SIM Aviação. Hoje somos um grupo de 14 empresas com 7 mil funcionários.

JC - E faturamento, em 2025, foi de R\$ 24 bilhões?

Argenta - Em 2025, esse é o número que faturamos, sim.

JC - O PIB do RS oscila conforme o clima e a safra. Mas as empresas Argenta estão crescendo dois dígitos há anos...

Argenta - “Pô, como é que cresce?” Fundamos nossa empresa no dia 12 de outubro de 1985, completamos 40 anos. Nosso crescimento nos primeiros anos eram importantes, mas, com uma base

menor. Nos últimos sete, oito anos, que acabamos crescendo. Hoje somos o quarto maior cliente Petrobras do Brasil. Somos a quarta maior distribuidora do Brasil, atrás de Ipiranga, Shell e Vibra. Consolidando todos os nossos postos, somos um complexo com mais de mil postos em todo o ecossistema - Charrua, Petronas, SIM.

JC - Em todo o Brasil?

Argenta - Ainda não estamos em todos os estados do Brasil. Estamos no Sul, Centro e Centro-Oeste do País. E o projeto da Petronas é expandir para todo o mercado brasileiro... Entramos em um nicho de mercado que nos oportunizou crescermos. Nossa essência passou e passa pelo Estado, mas hoje já atuamos em vários estados.

JC - Qual é a grande oportunidade para a Serra Gaúcha?

Argenta - Estamos em uma localização geográfica que não é das melhores, na ponta do País. Por que São Paulo é São Paulo? Por várias questões, mas também por conjuntura da localização. Aquele polo de São Paulo é importante. E hoje a maioria das empresas gaúchas importa matérias-primas de São Paulo. E boa parte do produto pronto vai para São Paulo. Teve época em que o transporte não representava muito no custo. Mas

hoje o custo logístico de trazer e levar o produto impacta muito no valor agregado... A Serra Gaúcha passa por uma transformação. Temos um novo negócio que se chama enoturismo (turismo ligado à produção de vinhos). Isso está muito latente em Bento Gonçalves. O Vale dos Vinhedos há 30 anos não existia. Quem vinha ao RS ia para Gramado e Canela. Hoje está vindo a Bento, a Flores da Cunha.

JC - Há ainda espaço para expansão do enoturismo na Serra?

Argenta - Muito, muito... Estão surgindo projetos novos todo dia. Nós temos um projeto da vinícola Luiz Argenta também. Houve uma mudança na visão do ser humano após a pandemia: as pessoas estão viajando mais, as pessoas estão “aproveitando mais a vida”. Esse business tem muito a evoluir na Região da Serra.

JC - Há espaço para turistas internacionais?

Argenta - Com certeza. Quem já fez viagem internacional vai entender: não tem lugar (turístico no mundo) que você não encontre um japonês. Eles têm essa cultura de viajar. E quantos japoneses enxergamos no RS? Praticamente nenhum. A hora que promovermos... Temos a questão de infraestrutura, aeroportos, estradas, empresas es-

tares organizadas para receber esse turismo. Mas tem aí um nicho de mercado.

JC - Vender o RS...

Argenta - E temos oportunidades aqui intelectualmente... O que temos de educação, podemos ter hub como em Novo Hamburgo, que tem a parte de back office do Santander. Está surgindo esse projeto em Eldorado do Sul (de data center). Tem um espaço muito bom



O RS é o maior produtor de biodiesel do Brasil; é inteligente transformar soja em um produto para consumir e exportar

pela mão de obra que já temos e podemos aperfeiçoar, podemos criar um hub de Inteligência Artificial. Na inovação, temos espaço.

JC - Na indústria, o caminho da Serra é projetos mais nichados? Essas indústrias têm espaço para crescer mais no RS?

Argenta - Com certeza. A gente nasceu olhando para a Marcolpo e Randon. Elas continuam gigantes, mas vejo que essas oportunidades nichadas em empresas menores, olhando produtos com valor agregado, também tem espaço. “Pô, mas então as grandes indústrias deixarão de estar aqui?” Não necessariamente elas precisam deixar de estar aqui, mas criando mais oportunidades para outras crescerem.

JC - Outra oportunidade, no agro e na Região Norte do RS, é a produção de etanol e biodiesel.

Argenta - Houve um tempo em que os governos estaduais não olharam para o agronegócio. Se tivéssemos feito algo estruturado há 20 anos, talvez boa parte do que estamos sofrendo hoje com a falta de água, estaríamos (vivendo) de forma diferente. Barragens, irrigação... Quem trabalha com o agro sabe que o tempo é o senhor da razão. Essa é uma transformação - ao invés de focar em produzir mais -, ter uma garantia de produção. E ainda tem tempo para isso (fazer irrigação), porque essa questão do clima cada vez vai preponderar.

JC - Foram quatro estiagens em seis anos no RS.

Argenta - Pronto. E aí sim vem o advento de produzir soja e biocombustível. Temos projetos importantes de indústrias de biocombustíveis no RS. Somos o maior produtor de biodiesel do Brasil. Isso é inteligente, transformar soja em um produto para consumirmos aqui e para exportação. Essa é uma transformação importante. A matriz energética ainda é bastante alimentada por combustíveis minerais, mas não vejo problema de ser vegetal. Sempre acreditei no etanol. A matriz energética, em especial no Brasil, passa pelo etanol e por plantio. Essa oportunidade agrega valor ao campo do RS.

JC - Como vê carro elétrico, carro híbrido, biocombustíveis...

Argenta - Não sou técnico, mas, para mim, o petróleo é infinito. Agora se vai ser usado como matriz energética para veículos? Vai ser uma parte do mercado, não total como foi. Com essa mudança da matriz energética, entram veículos a etanol, veículos híbridos, que, para mim, é o que mais se adequa. Um veículo vai andar 23, 24, 25 quilômetros por litro, mais amigável com o meio ambiente. Hoje o mundo todo é dependente do petróleo. Tem um período primeiro de transformação e segundo de adequação na matriz energética, pelos orçamentos de municípios, estados e países.

JC - E o carro elétrico...

Argenta - É a quarta vez que ele vem, não foi inventado nos EUA agora. Tem uma oportunidade, tanto que os chineses estão chegando com veículos com custo menor... Mas vão conviver com várias matrizes energéticas. E, se analisarmos, estamos diminuindo a produção mundial do carro elétrico puro. Mas é uma transição e vai acontecer.

A íntegra da entrevista em vídeo do programa Mapa Econômico do RS pode ser vista no canal do Jornal do Comércio no Youtube ou no Spotify

